

## **HISTÓRIA DE FEIRA: VISÕES DE PEQUENOS PRODUTORES URBANOS ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DECOLONIAL DA ECOLOGIA DOS SABERES**

**LUIZ CLAUDIO DE CAMARGO MOUREAU**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

**LILIAN MARBACK DOLIVEIRA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

**JOSÉ RICARDO MAIA DE SIQUEIRA**

**FERNANDA FILGUEIRAS SAUERBRONN**

### **Resumo**

O incentivo à agricultura familiar, orgânica e agroecológica como estratégia de promoção da saúde da população. Podemos enxergar a agroecologia, a partir do ponto de vista decolonial, que teve a sua ênfase e estruturação com o lócus na América Latina. Apresentamos como se dá o funcionamento de uma feira agroecológica, onde os principais atores nesse processo são pequenos produtores situados na cidade do Rio de Janeiro e em Nova Iguaçu e como os seus saberes coexistem com o saber científico, tendo como pano de fundo teórico o pensamento de Ecologia dos saberes de Boaventura Sousa Santos.

### **Palavras Chave**

Agroecologia, História Oral, Ecologia dos Saberes

# HISTÓRIA DE FEIRA: VISÕES DE PEQUENOS PRODUTORES URBANOS ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DECOLONIAL DA ECOLOGIA DOS SABERES

## 1. INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

O incentivo à agricultura familiar, orgânica e agroecológica como estratégia de promoção da saúde da população, apontando como uma necessidade para a garantia ao direito à alimentação a transição para sistemas alimentares agroecológicos. O fortalecimento do debate e a oferta de alimentação saudável em Instituições Públicas faz parte das estratégias da Política Nacional de Alimentação e Nutrição (Guimaraes et al., 2020).

Podemos enxergar a agroecologia, a partir do ponto de vista decolonial, que teve a sua ênfase e estruturação com o lócus na América Latina, a partir de encontros de pensadores latino-americanos (Ballestrin, 2013; Sauerbronn et al., 2021). O pensamento teórico Decolonial almeja uma descolonização, perante a neocolonização moderna capitalista euro-americana, com uma desconstrução do conhecimento, corpo e mente (Ballestrin, 2013; Wanderley & Barros, 2019; Sauerbronn et al., 2021).

A Epistemologia é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido (Sousa Santos, 2009). As chamadas Epistemologias do Sul são uma das vertentes do movimento decolonial, esse pensamento trazido pelo sociólogo português Boaventura Sousa Santos, fundamenta-se nos conceitos de dominação, luta e epistemologia. Dentre as diversas violências cometidas pela colonização, houve também uma “violência cognitiva”, a qual os povos colonizados do Sul, foram expropriados de seus pensamentos, culturas e línguas. O “Sul” não é geográfico, é uma metáfora epistêmica, é o local em que todo pensamento e conhecimento do colonizado, foi discriminado e exterminado pelo colonizador, além de explorar os recursos naturais de seus colonizados (Meneses, 2008; Nunes & Louvison, 2020).

A problemática da escassez de recursos naturais, em decorrência da não autossuficiência do capitalismo neste aspecto ambiental é um problema global. O crescimento econômico não vai conseguir se manter perene como tem acontecido na atualidade, sendo necessário uma revisão da forma de consumo e utilização dos recursos naturais (Da Silva-Lacerda, 2016; Sousa Santos, 2021). Uma nova forma de lógica socioeconômica, portanto, deveria emergir com base na organização coletiva (cooperativa e associativa), de caráter democrático e fundamentado na solidariedade. Esse novo conceito de desenvolvimento sustentável com a criação de trabalho e distribuição de renda, por meio do crescimento econômico com proteção dos ecossistemas (Dias & De Souza, 2014).

Segundo Angnes & Ichikawa (2019), conquanto a Feira agroecológica seja considerada como um projeto de inclusão social e em resistência ao agronegócio, diversas vezes essa é apenas uma visão do agente externo. Para os autores, geralmente, a feira é um projeto pontual para melhorar a qualidade de vida dos pequenos agricultores sem aumentar a conscientização política desses atores envolvidos neste processo (Angnes & Ichikawa, 2019).

De Albulquerque et al. (2013) realizaram um estudo empírico quantitativo com o fim de investigarem a intenção de compra por parte dos consumidores dos alimentos orgânicos seria pelo fato de serem alimentos saudáveis e ecologicamente corretos e seus resultados sugerem que a motivação dos consumidores pela aquisição de produtos orgânicos estaria ligada as crenças e motivações relacionadas com a saúde.

Para que haja um avanço econômico e social da agricultura, bem como saudável ambientalmente, será resultado das alianças organizações da sociedade civil junto com movimentos sociais rurais emergentes, esses que coordenariam uma agricultura mais justa e solidária, que satisfaçam os pequenos produtores mais carentes e a população não agrícola mais pobre. Através dessa proposição, ocorrerá uma pressão junto aos políticos, para o

desenvolvimento de políticas que melhorem a soberania alimentar, a preservação ambiental e a igualdade social (Altieri, 2012).

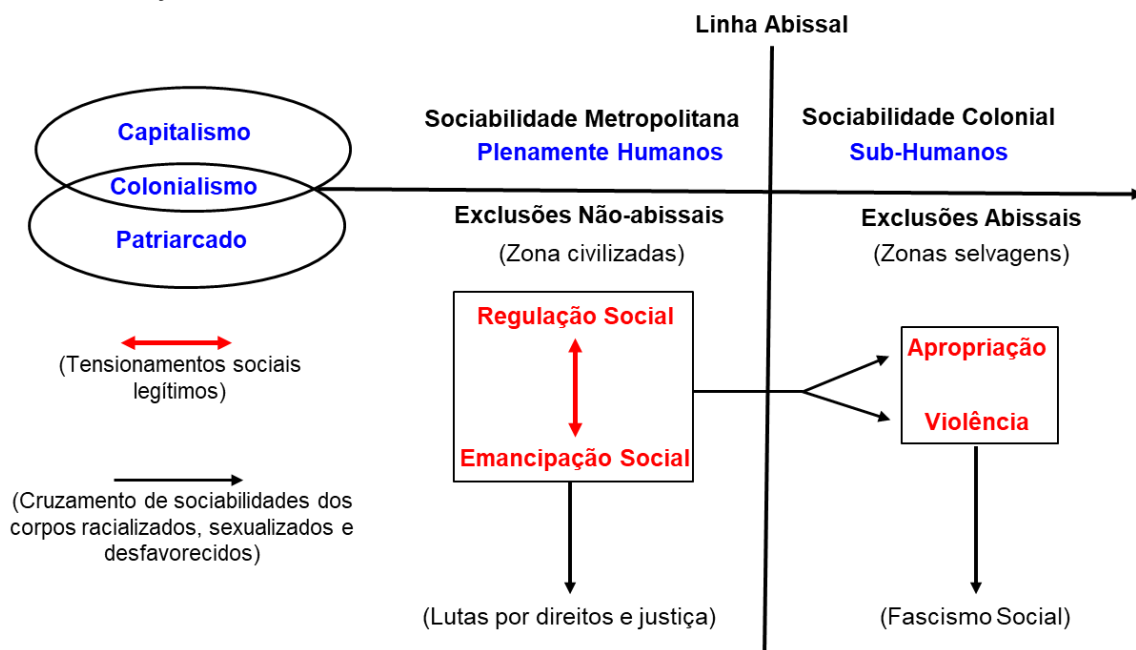
Para Sousa Santos (2019; 2021), os países do “Sul Global”, dentre os quais o Brasil, vivem as sociabilidades colonial e metropolitana, ambas separadas por uma linha “invisível” que divide essa sociabilidade, que o autor chama de linha abissal. São reconhecidos três principais tipos de dominações (capitalismo, colonialismo e patriarcado), responsáveis pelo pensamento eurocêntrico moderno que convergem para a existência da chamada “divisão abissal” entre Regulação/Emancipação e Apropriação/Violência.

A tensão gerada pela assimetria das relações de poder, criaram dois tipos de movimentos antagônicos: regresso do colonial/colonizador e cosmopolitismo subalterno (Sousa Santos, 2006; 2009; 2019). O regresso colonial e do colonizador é uma intimidante resposta abissal, para ressuscitar de formas de governo colonial nas sociedades metropolitanas e na vida dos cidadãos, tal qual as sociedades antes sujeitas ao colonialismo europeu. O cosmopolitismo moderno é constituído por organizações, redes, movimentos e iniciativas que lutam contra a hegemonia do capitalismo globalizado neoliberal, que se expressa com a exclusão econômica, social, política e cultural (Sousa Santos, 2009; 2019).

Essas formas de exclusões “abissais” e “não-abissais”, se transformam em uma crise do contrato social contemporâneo e a ascendência dos processos de exclusão sobre os processos de inclusão, faz surgir o “fascismo social”. O fascismo social é diferente do fascismo histórico (regime político), pois se trata de um regime social e civilizacional e se impõe a amplos grupos sociais.

O fascismo social se divide em diversas formas, como exemplo: fascismo do apartheid, fascismo contratual, fascismo territorial, fascismo da insegurança e a mais virulenta, o fascismo financeiro (Sousa Santos, 2009; 2019). As exclusões abissais e não-abissais e a dominação da tríade capitalismo-colonialismo-patriarcado podem ser distinguidas através de dois instrumentos: a sociologia das ausências e a sociologia das emergências (Sousa Santos, 2019; 2021).

Figura 1: Dominações e Pensamento Abissal



Fonte: Moureau & Sauerbronn (2023).

A sociologia das ausências é “a pesquisa sobre os modos do colonialismo, sob a forma de colonialismo de poder, de conhecimento e de ser, funciona em conjunto com o capitalismo e o patriarcado a fim de produzir exclusões abissais” (Sousa Santos, 2019; 2021). A sociologia das ausências se concentra em cinco “monoculturas” (Monocultura do Saber Válido, Monocultura do Tempo Linear, Monocultura da Escala Linear, Monocultura da Classificação Social e Monocultura do Produtivismo Capitalista).

A sociologia das ausências observa a negatividade das exclusões, a sociologia das emergências se concentra na positividade. A sociologia das emergências valoriza os vitimizados e excluídos, se concentra na luta anticapitalista, anticolonialista e antipatriarcal (Sousa Santos, 2019; 2021). A sociologia das emergências é distinguida em três dimensões (ruínas-semente, apropriações contra hegemônicas e zona libertadas) possibilitam a passagem das cinco monoculturas para cinco ecologias (Ecologias de saberes, Ecologia das Temporalidades, Ecologia das Diferenças e Reconhecimentos, Ecologia das Trans escalas e Ecologia de Produtividades). O objetivo da transição paradigmática das monoculturas para as ecologias é permitir o nascimento de um novo modelo civilizacional com a inclusão do excluído (Sousa Santos, 2019; 2020).

Dentre as dimensões (ruínas-semente, apropriações contra hegemônicas e zona libertadas) que possibilitam uma transição paradigmática, contrapondo-se ao modelo de monoculturas voltados para as commodities agrícolas, celebrado e propagado pela grande mídia como o “*Agro é pop*”, bem como a monocultura sociológica do saber válido (que considera somente a ciência moderna e a alta cultura dos países dominantes, como sendo o critério único de saber), apresentamos como se dá o funcionamento de uma feira agroecológica com produtos orgânicos, onde os principais atores nesse processo são pequenos produtores rurais (ou urbanos) situados na cidade do Rio de Janeiro e em Nova Iguaçu, de onde emergem uma ecologia de saberes, que não desprezam novas formas e tipos de saberes e conhecimentos, que podem coexistir com os conhecimentos do campo científico tradicional.

Buscamos compreender a trajetória e histórias de vida de produtores de agricultura orgânica, onde é proibido a utilização agrotóxicos e fertilizantes sintéticos, na agricultura urbana carioca, que se desenvolvem como fornecedores de alimentos mais saudáveis, realizando sua comercialização em instituições federais e estaduais (instituições que durante a pandemia nos anos de 2020 e 2021, estavam em trabalho remoto) que fornecem espaço, voz e oportunidade de aprendizado a esses trabalhadores, junto a tais instituições e movimentos sociais.

A feira e os produtores que destacaremos, fazem parte do coletivo da Feira Agroecológica Josué de Castro – Sabores e Saberes (FAJCSS) é realizada no pátio da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (ENSP/Fiocruz), localizada no bairro de Manguinhos no Rio de Janeiro. Este espaço, antes da pandemia de Sars-Covid-19, era quinzenal nos meses de março a novembro e com uma única edição nos meses de julho e dezembro, periodicidade esta que dialoga com o calendário acadêmico das ENSP/Fiocruz.

O nome da Feira é uma homenagem ao médico sanitário Josué de Castro, mundialmente reconhecido pelos seus estudos e posicionamentos políticos sobre as origens socioeconômicas e políticas da fome no mundo. Essa Feira oferece uma grande diversidade de produtos composta de alimentos in natura, além de ovos, sucos naturais, mel, pães, bolos, temperos, artesanato, doces caseiros, produtos preparados para consumo imediato, temperos, sabonetes a base de plantas medicinais e artesanatos (Guimaraes et al., 2020). A FAJCSS nasce com objetivos políticos claros e, sendo construída com base na trajetória de pesquisa e cursos realizados pela Fiocruz junto às populações do campo, da floresta e das águas, se constitui como uma instalação pedagógica, evidenciando seu caráter político-pedagógico. Com o propósito de

dar voz e lugar de fala aos pequenos produtores dessa feira, utilizaremos a história oral para que os mesmos, contêm suas narrativas e visões a respeito de sua participação na feira.

Para muitos cientistas sociais a história oral é uma fonte subsidiária de informação de desprezível valor histórico, contudo, muitas dessas fontes comprovam ou ilustram alguma ideia. Existem outros que acreditam deva haver um cruzamento com documentos oficiais escritos e outras fontes. A história oral, conforme atuais pensadores da historiografia, produz conhecimento e pode ser utilizado como fonte histórica e testemunhal, em produzir conhecimento, pois conta com fatores como a subjetividade e a seletividade (Gomes & Santana, 2010).

Neste estudo, desenvolvido no ano de 2021, em época de período pandêmico e após primeira dose da vacina, foram entrevistados 03 produtores rurais que atuam dentro de centros urbanos, que podemos chamar de agricultores urbanos, já que suas propriedades se encontram em cidades não consideradas rurais. Também entrevistamos a Coordenadora da FAJCSS, que é servidora da Fiocruz e milita na área de sustentabilidade da instituição, com exceção de uma pessoa entrevistada, todas as entrevistas foram gravadas e realizadas remotamente através da plataforma Google Meet.

Foram colhidas as narrativas das entrevistas, que apesar de seguir um roteiro não havia questionário ou documento similar de resposta dos entrevistados. Utilizou-se de fotos tiradas junto com os produtores por dois dos autores na Feira Agroecológica da Freguesia, situada na cidade do Rio de Janeiro, e outros materiais disponíveis na internet na página da rede social da área de sustentabilidade ENSP/Fiocruz.

O objetivo desse estudo foi de dar voz aos integrantes que fazem parte do coletivo de pequenos produtores e as suas visões sobre uma Feira Ecológica estabelecida nos espaços de uma instituição pública. Através das múltiplas perspectivas dos atores envolvidos, com foco nos pequenos produtores participantes da feira, bem como sob a perspectiva mais técnica e acadêmica da coordenadora desta feira agroecológica. Para alcançar este objetivo, nos baseamos em testemunhos dos entrevistados, trazendo à luz uma perspectiva alternativa de pesquisa, constituindo-se como os referenciais principais do presente estudo, de forma não convencional ao observado nos meios acadêmicos, não faremos análise, discussões e resultados para comprovar determinada teoria, o próprio leitor observará que pode ser possível uma transição paradigmática e prática de uma monocultura para uma ecologia, seja ela sociológica (Sousa Santos, 2021) ou ambiental no sentido estrito. Para isso, dividimos o presente estudo da seguinte forma:

Na segunda parte apresentaremos a importância do acolhimento de pequenos produtores em uma feira agroecológica de uma instituição pública e a participação dos movimentos sociais no apoio a esses eventos. Na terceira parte conheceremos a história de vida dessas pessoas, como foi que chegaram ao Rio de Janeiro e como eles se transformaram em pequenos produtores em cidades consideradas urbanas. Na quarta parte e última parte serão expostos o funcionamento do coletivo formado pelos produtores e como as suas vozes são ouvidas e como os conhecimentos estão sendo aprendidos e ensinados, e como suas perspectivas, sonhos e esperanças, têm contribuído para uma alimentação mais saudável e com a preservação ambiental em perspectiva com a ecologia do saber proposta por Sousa Santos (2021).

## **2. A GÊNESE DE FEIRA AGROECOLÓGICA EM UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA**

A coordenadora da FAJCSS, a bióloga e sanitária Flavia Ramos Guimarães, servidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e chefe do Serviço de Gestão de Sustentabilidade da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, unidade técnico-científica da Fiocruz voltada para ensino de pós-graduação lato e stricto sensu, nos traz a visão do funcionamento de feiras agroecológicas em instituições públicas.

A servidora narra que a gênese da feira, veio de movimento dentro da sua instituição que começou a partir do ano de 2014, quando se começou a pensar na agroecologia com o viés da saúde pública, em especial voltada para uma alimentação mais saudável com uma produção mais sustentável. Trazer essa discussão da segurança alimentar surgiu logo depois da política nacional de agroecologia de promoção da saúde (Pnapo) sancionada pela então presidente Dilma Rousseff através do Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012.

Em 2014, próximo da comemoração do dia mundial do meio ambiente as duas unidades técnico-científicas da Fiocruz, voltadas para o ensino em saúde pública a ENSP e a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz), uma unidade voltada para o ensino médio e formação técnica em saúde, organizaram a primeira edição da FAJCSS, junto com o lançamento interno do documentário *O veneno está na mesa 2* de Sílvio Tendler, documentário sobre agroecologia e agrotóxicos, que contou com o apoio da Fiocruz, sendo bem aceita a realização da feira pelos trabalhadores da instituição, que pediram a sua permanência, como relata Flávia Guimarães:

*Nesse momento, devido a um movimento institucional, a gente já tinha um apoio daquela campanha contra o uso de agrotóxicos, que já era uma pesquisa feita por vários pesquisadores e já existia essa discussão, sempre pelo viés da saúde, sobre o uso de agrotóxicos, alimentação saudável, segurança alimentar, então se fez esse movimento desse lançamento interno, para começar a fomentar a discussão. O que aconteceu? Na época nós fizemos uma entrevista com os usuários na primeira edição, e essa feira foi bem aceita. Então, nós fizemos uma segunda edição e o movimento interno dos trabalhadores, estudantes, usuários que ali frequentam, aceitaram bem, e pediram para que a feira permanecesse de uma forma periódica (Guimarães, 2021).*

Imagem 1 – A coordenadora da FAJCSS, Flávia Guimarães (com microfone) em uma roda de conversa alimentação e saúde da mulher.



Fonte: Sustentabilidade da Ensp (2023).

A partir daí se estabeleceu um primeiro contato com os agricultores junto aos organizadores da primeira edição da feira, que foram a entrevistada, André Búrigo, professor-pesquisador da ESJSJ/Fiocruz e Marcos Menezes, hoje atual Diretor da ENSP/Fiocruz, e representações de movimentos sociais, como o Movimento dos Sem Terra (MST), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), a Associação Agroecológica de Teresópolis (AAT) e a Rede Carioca de Agricultura Urbana (Rede CAU).



*Naquele momento o MST e MPA estavam mais fortes na construção da feira, num momento que você construía a feira, porque eram movimentos maiores e naquele momento em 2014 a gente fala de quase 10 anos atrás, até porque o MST é um dos movimentos mais antigos de mobilização popular da América Latina, então é um movimento social de estrutura mais consolidada, e ainda tinha o MPA ainda se formando, junto com ele, também vinha junto com a representação da Via Campesina que também é um movimento Internacional, então aí a gente vai entrar em outras discussões de agroecologia em movimento social. Então esses movimentos participaram mais intensamente, mas os outros movimentos que acompanha feira também participaram porque são representações nacionais quando esse né com na discussão da feira na Serra as representações regionais mas MST um movimento não só nacional né o MP a um a rede carioca de agricultura urbana vinha com uma representação mais regional mais próxima (Guimarães, 2021).*

Algo pouco comentado é a chamada agricultura urbana, muitas pessoas hoje em dia não sabem ou imaginam, que muitos dos alimentos que elas compram na feira, são produzidos em pequenos sítios ou propriedades urbanas. Achava-se que as grandes cidades não produziam alimentos.

*A Rede Carioca de Agricultura Urbana tinha como uma representação mais regional, para falar da agricultura urbana que é uma coisa pouco levantada, pouco falada, hoje em dia a gente sabe que tem por aqui pela cidade um sítio que produz, mas um tempo atrás as pessoas não sabiam que a cidade produzia alimento e a cidade produz [...] a maior parte das pessoas não sabem mesmo, e nós trouxemos uma representação estadual que seria Associação Agroecológica de Teresópolis, que é de uma cidade próxima e nesses movimentos hoje em dia temos uma organização melhor, naquela época (2014) nós estávamos fortalecendo esses movimentos, para essa discussão, pois quando eles constroem essa feira, são fortalecidos esses movimentos e a construção de saberes também, através de um viés de discussão da saúde na segurança alimentar pelo ponto de vista acadêmico, e realmente assim, é uma construção de conhecimentos e saberes (Guimarães, 2021).*

Imagem 2 – A FAJCSS em funcionamento na ENSP/Fiocruz



Fonte: Sustentabilidade da Ensp (2023).

Segundo Guimarães (2021) as feiras agroecológicas são diferentes das feiras livres ou feiras de rua, pois tais feiras têm um viés de troca. A feira livre acompanha o movimento da humanidade, que sempre fez suas trocas em feira, sempre foi espaço de trocas, de aquisição, de trocas de conhecimento, de cultura.

*Observando a história a humanidade fazia suas atividades em torno da feira, acontece que atualmente devido a mercantilização, esses espaços passaram a ser menos de trocas e mais de compra e venda, e ao longo do tempo foi se perdendo a característica cultural de trocas, as feiras agroecológicas vêm para*

*trazer essa identidade de volta, porém existem feiras agroecológicas de rua, de bairro, de território e existem as feiras institucionais, quando a Fiocruz não entrou sozinha com a feira agroecológica, entrou com outras instituições de pesquisa e ensino, estavam fazendo o mesmo movimento, como a UFRJ, a UERJ, UFRRJ, tanto que hoje em dia, é feito um acompanhamento periódico das feiras institucionais (Guimarães, 2021).*

Existe uma diferenciação da feiras agroecológicas expostas na rua das feiras agroecológicas expostas nas instituições, nas feiras institucionais ocorre um movimento mais intenso da troca de saberes e diálogo, a instituição entra não somente com a formação, mas também com a ajuda na estruturação, além de possibilitar o apoio aos feirantes, permite viabilizar aquele espaço de discussão, onde se tem a oportunidade de falar com o seu público, os professores, pesquisadores, alunos, com os usuários da comunidade de Manguinhos e a comunidade do entorno, para que possa se trazer nesse espaço um movimento de trocas e de saberes, para quem não sabe, e às vezes até para própria comunidade institucional, pois nem todos discutem alimentação saudável.

*Qual a intenção quando você tem uma feira institucional? É que você faça a troca com os movimentos de uma forma um pouco mais organizada, para que se fomente esse espaço de troca de conhecimento e saber, trazendo para quem também não sabe ou para quem não discute sobre isso, como própria comunidade institucional que apesar de ser uma comunidade de pesquisa acadêmica. Nem todo mundo discute alimentação saudável, porque às vezes não é sua área de trabalho, descobrem ali na feira a diferença de agricultura orgânica e agroecológica, por que que uma coisa não é a mesma coisa, que a outra, apesar de estarem próximos, descobrem a agricultura urbana, descobrem outras formas de produção e essa troca rica que a gente aproveitou nesse espaço (Guimarães, 2021).*

### **3. A HISTÓRIA DE VIDA DOS PRODUTORES**

O produtor agrícola José Antônio Pereira, mais conhecido como Russo, nasceu no interior do Espírito Santo, veio para o Rio de Janeiro com 3 anos. Ele já trabalha com a agricultura orgânica há 12 anos e possui certificação nessa área. Ele explica que mesmo antes da certificação, mesmo sem ter o conhecimento sobre o que era orgânico, sua família já plantava sem veneno, realizando uma agricultura natural. Seu pai era agricultor, mas no início não trabalhava exclusivamente com agricultura familiar, pois o que produzia era em pouca quantidade e só vendia caso sobrasse. Russo mora no Parque Estadual da Pedra Branca na altura de Taquara e afirma que há uma parceria com o parque, visto que não realizam desmatamento e sim preservação da área. Ele mora um pedaço de 10.000 m<sup>2</sup> que é da minha família. E meu sítio são dois pedaços a uma hora de trilha um de 5,5 e outro de 9,400.

Nosso entrevistado nos contou sobre os movimentos sociais dos quais participa:

- (1) Rede de Agricultura Urbana Carioca, que está ligada a UFRJ, tem uma feira na UFRJ e outra na UERJ.
- (2) ASPTA - Agricultura Familiar e Agroecologia – é uma associação de direito civil sem fins lucrativos que, desde 1983, atua para o fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento rural sustentável no Brasil.
- (3) Ensp/Fiocruz (FAJCSS)
- (4) Feira da Freguesia – onde já participa há 8 anos.
- (5) CSA - Comunidade que Sustenta o Agricultor – onde já participa há 5 anos.



Imagem 3 – Autores com Russo na Feira agroecológica da Freguesia



Fonte: Acervo dos autores

A produtora agrícola Cilmara Bezerra de Oliveira Santos nasceu em Natal, mas há 12 anos veio para o Rio de Janeiro cuidar da sogra e acabou ficando na cidade. Ela já trabalha há 8 anos na agroecologia e hoje é produtora da Colônia Juliano Moreira, perto da Taquara, Jacarepaguá. Sua horta é certificada e lá ela planta hortaliças, legumes e tem uma pequena criação de galinha.

Cilmara conta que iniciou com um curso na própria colônia, mas que já produzia pães e bolos convencionais e depois do curso modificou suas receitas para se adaptar as feiras. Contou também que nesse período passou por vários sacrifícios, pois sua filha era muito pequena e elas iam de bicicleta para o curso.

Nossa entrevistada conta que hoje comercializa pães e bolos, além de sabão. Contudo, ela também comercializa chás de um amigo dela.

Imagem 4 – Autores com Cilmara na Feira da Freguesia



Fonte: Acervo dos autores

Cilmara participa dos seguintes movimentos sociais:

- (1) AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia: onde consegui ajuda financeira e ferramentas para sua horta. Além de terem feito seu cartão de visitas.
- (2) Ensp/Fiocruz (FAJCSS)

Nossa terceira entrevista foi com Elias Benito da Silva, natural do Amazonas, conta com orgulho do seu “*sangue*” misturado de cearense com manauara. Ele já se considera fluminense, pois está aqui desde o ano de 1990. Sobre sua história de agricultor, Elias conta:

*Eu me criei com a minha avó no interior do Amazonas, ela plantava macaxeira e várias outras coisas, eu estudei e me tornei profissional na área de bobinar motores e bomba d’água, e vim para o RJ em uma empresa que trouxe toda a minha família, e chegando com o tempo essa empresa fechou, o dono morreu, faliu e ficamos desempregados, trabalhei uns cinco anos de garçom na Ilha do Governador e depois como a agricultura está no sangue conseguimos obter uma terra grande. E ali começamos na área que a gente já conhecia, plantar aipim, cupuaçu, pupunha, várias coisas do Amazonas a gente trouxe. E aí a gente começou na área da agricultura (Silva, 2021).*

Com relação aos movimentos sociais que participa, ele cita:

- (1) Conselho Municipal do Desenvolvimento Social Sustentável – CMDSS de Nova Iguaçu, onde ele é presidente e está lutando para trazer um trator para melhorar e ajudar no campo.
- (2) Associação dos Produtores de Nova Iguaçu – APNI.
- (3) Ensp/Fiocruz (FAJCSS)+

Ele conta que ficou muito tempo desempregado e por isso passou a trabalhar como garçom, ficando muito tempo longe da família. Daí ele conta

*[...] chegou um dia que estávamos plantando aipim e tinha muito nosso terreno, e uma moça de nome D. Terezinha que fazia parte da associação de produtores de Vila de Cava, chamou pra gente se associar, fomos pra lá, levamos os nossos produtos e começamos a vender na frente dessa associação, com isso passou alguns políticos lá e algumas pessoas da prefeitura e sugeriu pra gente trabalhar no centro de Nova Iguaçu, do lado do restaurante Garotinho, durante os três anos que passamos lá não vendemos quase nada porque era um lugar muito escondido (Silva, 2021).*

Também explica como virou o Presidente da CMDSS:

*E abriu a associação dos produtores de Nova Iguaçu, onde o saudoso Seu Luiz de Jesus abriu essa associação e em seguida ele faleceu e quem ficou de frente foi a irmã dele e depois de muito tempo legalizando essa associação conseguimos entrar com um pedido na Prefeitura para irmos para o centro de Nova Iguaçu e aí a feira fluiu. Todo mundo começou a vender bem, já fizemos o projeto com a irmã dele e veio com vinte barracas e vinte balanças para ajudar na agricultura. E ficamos lá durante quase seis anos com essa moça a frente, mas ela veio a também estar enferma. E de 2013/2014, houve uma eleição e os agricultores escolheram meu nome para ficar de frente (Silva, 2021).*

O interessante dessa entrevista é que também ouvimos a Eliana Coelho Leite da Silva, sua esposa, mais conhecida como *Índia do Amazonas*. Ela explicou que eles têm dois filhos que ajudam eles na horta, e uma de suas noras, a ajuda nas vendas na feira. Índia diz que “*é a verdadeira agricultura familiar*”.

#### **4. A VISÃO DOS PRODUTORES SOBRE A FAJCSS E AGRICULTURA ORGÂNICA NA ECOLOGIA DOS SABERES**

Russo ressalta que dentre esses programas o CSA possui o diferencial da venda casada, recebendo antes, pois o cliente é um coagricultor e investe no agricultor. Esse diferencial é bem incentivador, pois nas feiras quando não vendem tudo os agricultores levam de volta, havendo o risco de perder a mercadoria.

Sobre as pessoas que o auxiliam na agricultura familiar, Russo contou que já teve duas pessoas o auxiliando, porém não deu certo, agora ele utiliza o serviço de diárias. Além disso, dois familiares o auxiliam: seu filho de 22 anos e o sobrinho de sua esposa, de 28 anos. Apesar de ter 4 filhos, os outros estão trabalhando em outras áreas.

Com relação à Feira da Fiocruz o Russo explica o motivo do nome Feira Agroecológica Josué de Castro da Ensp/Fiocruz: *“Foi o cara que fez o mapa da fome, a gente quis fazer essa feira para homenagear para não ser muito cara, por isso, disse que gosto muito de fazer.”*. Ele complementa que a integração com os outros produtores da feira é maravilhosa, sempre havendo troca de mensagens para combinarem preço, mercadorias para não repetirem ou até mesmo para matar a saudade.

Ainda sobre a feira, Russo fala sobre as suas responsabilidades perante o grupo: onde fica desde a montagem até desmontagem da feira, além disso utiliza o seu móvel para realizar a locomoção de pessoas e mercadorias.

Já sobre o retorno que a feira proporciona, Russo conta que os produtores não investem nada, contudo na época do Governo Dilma havia uma ajuda de custo para o pedágio e o combustível.

Ao entrarmos no assunto sobre o que tem aprendido, ele respondeu:

*É tanta informação que vamos passando e adquirindo, há um tempo eu aprendi a observar a planta a ver o dia-dia daquela planta. Como ela age, o que ela está pedindo. Com essa observação toda. Estou falando de planta em geral, como fazer chá, o que comer, tudo. Então, você vai aprendendo a grande maioria das pessoas que vão a feira optaram em não comer veneno, levaram aquilo para vida delas, é melhor comer uma coisa saudável do que ir ao mercado e se entupir de veneno. Essa é a nossa luta de trazer mais pessoas para a feira, acabamos envolvendo a pessoa e ela vai envolvendo pessoas da família e trazendo mais pessoas, e isso cria um vínculo de amizade, cliente e amigo. Quando tenho tempo vou a casa de amigos, ensinar a fazer canteiro, a cultivar, podar árvore, fazer esse tipo de trabalho, por conta da credibilidade, da pessoa acreditar que nós somos capazes (Pereira, 2021).*

Por fim, Russo deixou claro que sabe da importância do seu trabalho e como possui orgulho em ser agricultor.

Com relação à ajuda na sua horta, Cilmara relata que são apenas ela e o marido, pois sua filha estuda em tempo integral. Sobre seus rendimentos, ela relata que devido à pandemia ficou muito prejudicada, pois antes tinha participação em 4 feiras: Ministério da Saúde, INCA, Fiocruz e UERJ e agora somente 1 funciona. O controle do lucro é realizado por ela, por meio de um caderninho, para que tenha controle dos gastos de cada receita.

Em relação à Fiocruz a Cilmara possui uma história incrível, pois junto com Russo, foi uma das primeiras integrantes. O convite veio da coordenadora da Feira de Jacarepaguá e a Cilmara aceitou mesmo achando que a nova feira seria pequena, o que não foi, pois para sua surpresa a feira possuía uma barraca para cada feirante. Ao entrarmos no assunto sobre o que tem aprendido, a mesma respondeu:

*A feira não é só um lugar de comercialização, é um lugar de troca, troca de receitas, a gente troca conversa, às vezes eu tenho algo para dizer pra minha cliente, mas, a gente não chama nem de cliente, a gente chama de amiga. Uma indica um livro pra outra ler, então, é troca. Eu não vejo mais a feira como lugar de comercialização, estamos ali para conversar, fazer amigos, e claro vender e indicar nossos produtos porque são saudáveis (Santos, 2021).*

Ela ainda enfatiza que o relacionamento entre os produtos da Feira da Fiocruz é de amizade e cuidado uns com outros. E ainda diz *“É a melhor feira, comparando todas que eu trabalho. Estamos protegidos até de tiroteio porque não dá para chegar até a gente. Em termos de estrutura, organização, financeiro também.”*

Além disso, possuem abertura para conversar e expor suas ideias com a coordenação da Fiocruz, pois após toda feira eles se reúnem dando oportunidade de dizerem se precisam de algo. E isso não ocorre nas outras feiras, onde a periodicidade das reuniões é semestral.

O transporte utilizado pela entrevistada é uma moto, adquirida antes da pandemia, onde demonstra bastante orgulho da sua conquista, pois por muitos anos usou o ônibus para sua locomoção.

Por fim, Cilmara diz sobre o papel do pequeno produtor em nosso país:

*É uma grande responsabilidade. Vai ser muito difícil o Brasil chegar a esse nível de achar que só os agricultores pequenos vão suprir porque não consegue, infelizmente. Quem dera se pudesse, mas, hoje, embora tenha crescido muito a agricultura urbana e a familiar, eu acho que dá pra suprir uma boa parte da população. Não total né, eu acho que se esses que fazem de má-fé e usam agrotóxico, se unissem ao não, aí o negócio ia. Poderia mudar essa visão (Santos, 2021).*

Conversando sobre a Fiocruz ela disse com bastante orgulho:

*Lá na Fiocruz eu aprendo com os professores e já dou palestra, eu sou uma índia que de tudo eu sei, como mexer com a terra, como plantar, como colher, como conversar com os clientes, 'pra' vender o bolo tem que falar para o cliente o que leva, se é ovo, manteiga, sal, banha, tudo isso eles querem saber, tem que ter uma pessoa lá só para explicar para os clientes, a parte de comida, alimentação. É obrigatório passar para o nosso cliente. Comida é um negócio muito sério, é tapioca, é feito na hora, mas, tem que explicar como é feito (Santos, 2021).*

Ainda com relação à Fiocruz ela afirma:

*Ali é maravilhoso, encontramos com outros agricultores. Sem falar que a Josué de Castro, as pessoas de lá do Rio dão muito valor ao trabalho da gente. Por exemplo, nunca reclamaram de preço de nada. Em Nova Iguaçu a gente vende a tapioca a 5,00, lá a gente vende a 8,00 e eles acham normal. É uma feira que ajuda mais a gente do que as da baixada. Vocês ganham mais dinheiro que a gente aqui (Santos, 2021).*

Para Elias e sua esposa, a opinião de ambos sobre a utilização de venenos, ela é enfática sobre a sua não utilização, explicou que junta as folhas do sítio e coloca num saco deixando apodrecer, conforme aprendeu nos cursos. Ela fez dois cursos sobre ecologia, dentre outros. Por fim, eles afirmam:

Então, a nossa vida é essa aí, a gente começa a trabalhar cedo e vai dormir tarde e muitas vezes não consegue fazer o que pretende, é um trabalho que exige muita disposição, muita força de vontade, e, por isso, que tem poucos agricultores como minha esposa estava falando. A maioria diz ser agricultor, mas são muito atravessador. E a gente como agricultor bate muito na tecla da feira da roça onde a gente trabalha que tem que ser a produção do próprio agricultor (Silva, 2021).

A Feira teve sua primeira edição em 2014, durante comemoração da Semana do Meio Ambiente, em um evento organizado pelas Escolas de Saúde da Fiocruz, surgindo em diálogo e colaboração com movimentos sociais do campo. Com o sucesso desse evento e de outros dois nesse mesmo ano resolveram realizar uma reunião, já em 2015, para alinhar os objetivos do projeto junto com os movimentos sociais, bem como seus princípios de participação, periodicidade, nome da feira, recursos necessários e a definição de uma metodologia de construção participativa do projeto, se constituindo como uma instalação pedagógica.

A FAJCSS tem como seu principal objetivo fortalecer a agricultura familiar agroecológica no Rio de Janeiro, aproximando as áreas de saúde e agroecologia, bem como instaurar a discussão sobre alimentação saudável e acesso aos estudantes, trabalhadores e pessoas próximas a localidade a produtos saudáveis.

Em relação à periodicidade, a feira ficou permanente desde 2015 até o início da pandemia, em 2020, retornando em 16 de março de 2022 (Sustentabilidade Ensp, 2023) e as

suas atividades ocorrem quinzenalmente, exceto em julho e dezembro que é mensal. Sua estrutura é não hierarquizada composta pelo Comitê Gestor e Coletivo de Condução do Projeto, onde o primeiro tem como a responsabilidade de executar a gestão do projeto em articulações e tramites institucionais. O Coletivo de Condução do Projeto evidencia a participação de todos os produtores presentes na feira.

A Feira tenta não se restringir a reuniões e seminários com os produtores, e sim, englobar uma troca de ideias entre eles e com os frequentadores da feira. Com isso, o local passa a não ser exclusivo para acesso à alimentação saudável e sim um espaço familiar de descontração e inclusão entre os produtores e seus clientes. Conforme vimos nas entrevistas, os produtores têm muito orgulho e muita gratidão pela feira. Os relatos dos entrevistados demonstram serem dimensões possíveis de transição de “monoculturas” para “ecologias”. Para Sousa Santos (2021) urge a necessidade de um novo tipo de relação entre o campo e a cidade, mesmo mantendo suas identidades distintas, *“as cidades devem se ruralizar-se e as comunidades rurais devem urbanizar-se”*, deveriam ambos os espaços se tornarem mais *“porosos entre si”*, com a ampliação das chamadas zonas verdes e hortas urbanas nas cidades e o campo deixar de ser um lugar remoto e inacessível em termos comunicacionais e de acesso.

Nos coadunamos com o autor outrora referido, em que algumas soluções para uma transformação civilizacional pós-capitalista, pós-colonialista e pós-patriarcal, são possíveis de serem implementadas, podendo ser um dos nascedouros de um novo modelo civilizatório, democrático e cidadão para o Brasil. Entendemos que as confirmações referenciais acadêmicas, excetuando a coordenadora da Feira Agroecológica Josué de Castro – Sabores e Saberes, as quais estamos acostumados (ou monoculturalmente doutrinados) a referenciar as “histórias orais” dos entrevistados, não são necessárias para validar “cientificamente” o presente estudo, pois evidenciam-se extraordinariamente pelos entrevistados através de suas vozes, histórias e saberes, que podem conviver e se coadunar com o saber acadêmico tradicional.

## REFERÊNCIAS

- Altieri, M. A. (2012). Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. *Revista nera*, (16), 22-32.
- Angnes, J. S., & Ichikawa, E. Y. (2019). Feira agroecológica de Francisco Beltrão (Paraná): um projeto de participação sob o enfoque da psicologia social comunitária na perspectiva latino-americana?. *Organizações & Sociedade*, 26, 665-690.
- Ballestrin, L. (2013). América Latina e o giro decolonial. *Revista brasileira de ciência política*, 89-117.
- Brasil. (2014). Ministério da Saúde (MS). Guia Alimentar para a população brasileira. 2ª ed. Recuperado em 29 de outubro de 2021 de [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_alimentar\\_populacao\\_brasileira\\_2ed.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf)
- da Silva-Lacerda, J. O., Vasconcelos, J. M., da Costa Silva, J., & de Abreu, N. R. (2016). “Antropocêntricos ou Ecocêntricos?”: As Motivações dos Consumidores para a Compra de Alimentos Orgânicos em uma Feira de Recife-PE. *Gestão e Sociedade*, 10(25), 1255-1273.
- de Albuquerque Júnior, E. P., da Silva Filho, J. C. L., Costa, J. S., & dos Santos, S. M. (2013). Aspectos relativos à saúde e ao meio ambiente ligados ao consumo de alimentos orgânicos. *Revista de Administração da UFSM*, 6, 295-312.
- Dias, T. F., & de Souza, W. J. (2014). Gestão social e economia solidária: o caso da Associação dos Produtores e Produtoras Rurais da Feira Agroecológica de Mossoró–Aprofam, Mossoró-RN. *Teoria e Prática em Administração (TPA)*, 4(1), 261-294.
- Gomes, A. F., & Santana, W. G. P. (2010). A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração. *Cadernos Ebape. BR*, 8, 1-18.
- Guimaraes, F. R., Dias, A. P., de Niemeyer, C., Burigo, A., Machado, T. D. C. S., & Lima, P. Z. (2020). Feira Agroecológica Josué de Castro–Sabores e Saberes: aproximando os campos da Saúde e da Agroecologia. *Cadernos de Agroecologia*, 15(2).
- Moureau, L. C. C. G., & Sauerbronn, F. F. (2023, September). Rumo a uma postura decolonial na governança da saúde pública: uma proposição teórico-prática. In *Anais do XLVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Enanpad)*.
- Sauerbronn, F. F., Ayres, R. M., da Silva, C. M., & Lourenço, R. L. (2021). Decolonial studies in accounting? Emerging contributions from Latin America. *Critical Perspectives on Accounting*, 102281.
- Sousa Santos, B. D. (2009), “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma Ecologia de Saberes” in. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 23-71.
- Sousa Santos, B. D. (2019). *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Autêntica.
- Sousa Santos, B. D. (2021). *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. Boitempo Editorial.
- Sustentabilidade da Ensp. (2023). Todas as fotos e postagens. Recuperado em 20 de setembro de 2023 de <https://www.facebook.com/sustentabilidade.ensp/photos/>
- Wanderley, S., & Barros, A. (2019). Decoloniality, geopolitics of knowledge and historic turn: Towards a Latin American agenda. *Management & Organizational History*, 14(1), 79-97.



## **FONTES ORAIS**

Guimarães, F. R. [set. 2021]. Entrevistador: ----- . Google Meet, RJ, 15 set. de 2021.

Pereira, J. A. [ago. 2021]. Entrevistadores:----- . Google Meet, RJ, 24 ago. de 2021 e Freguesia, RJ, 29 ago. de 2021.

Santos, C. B. O. [ago. 2021]. Entrevistadores----- . Freguesia, RJ, 29 ago. de 2021.

Silva, E. B. D. [ago. 2021]. Entrevistadores:----- . Google Meet, RJ, 27 ago. de 2021.